

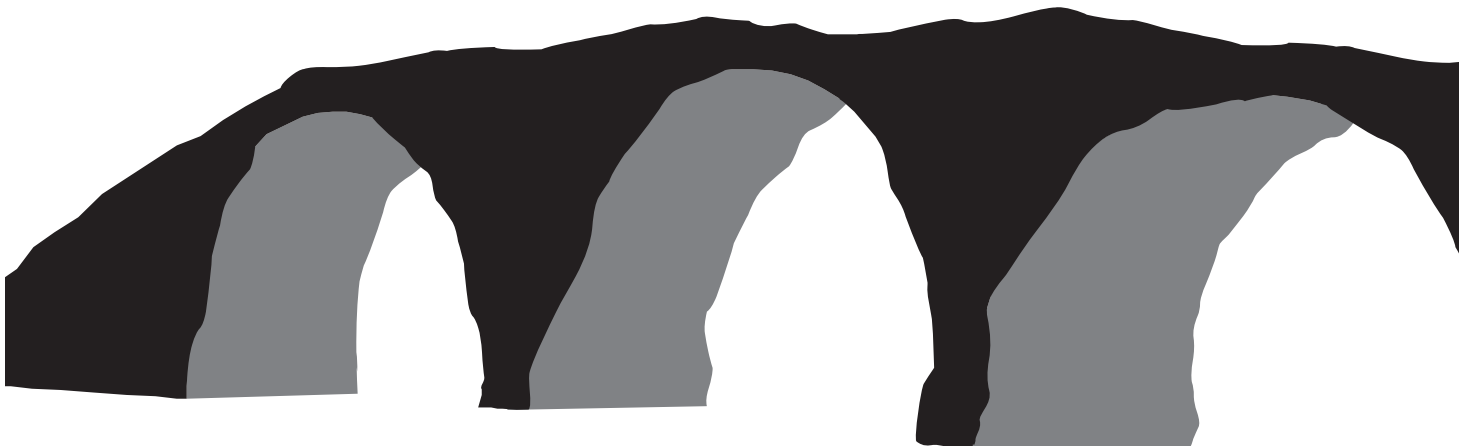
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 5 | Número 2 | Julho – Dezembro 2011

ISSN 1981-5875

**TEMPOS ANTÁRTICOS: ENTRE MOMENTOS,
HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS**

Sarah de Barros Viana Hissa



TEMPOS ANTÁRTICOS: ENTRE MOMENTOS, HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

Sarah de Barros Viana Hissa¹

RESUMO

Tempo e espaço são dimensões estreitamente relacionadas, senão indissociáveis. Pensar tempos e compreensões passados faz necessário um entendimento de contextos históricos, de espacialidades e de materialidades. Faço aqui uma pequena reflexão sobre alguns conceitos de tempo e uma breve análise de excertos históricos, buscando compreender algo de uma dimensão essencialmente subjetiva da experiência humana: a percepção da passagem de tempo, que, nesse estudo de caso, é aquela referente aos caçadores de mamíferos marinhos na Antártica do século XIX.

Palavras-chave: Antártica, tempo, arqueologia da percepção, foqueiros e baleeiros.

RESUMEN

Las dimensiones del tiempo y espacio están íntimamente relacionadas, si no son inseparables. Para pensar en el tiempo es necesario la comprensión de los contextos históricos y la comprensión de espacialidades y materialidades pasadas. Aquí hago una pequeña reflexión sobre los conceptos de tiempo y un breve análisis de los extractos de la historia, tratando de comprender una dimensión esencialmente subjetiva de la experiencia humana: la percepción del paso del tiempo, que, en este caso de estudio, es aquella de los cazadores de mamíferos marinos en siglo la Antártida XIX.

Palabras-clave: Antártica, tiempo, arqueología de la percepción, loberos e balleneros.

ABSTRACT

Time and space are intimately related dimensions, if not inseparable. In order to think about historical times and past comprehensions it is necessary to

¹ Cientista Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestranda em Antropologia, com linha de pesquisa em Arqueologia (PPGAN / UFMG) e bolsista do Cnpq. Pesquisadora do Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (Leach / UFMG).
Contato eletrônico: sarahhissa@hotmail.com

understand historical, material and spatial contexts. In this paper I offer a short discussion on some concepts of time and briefly analyze a few historical references, in order to understand something of an essentially subjective human experience: the perception of the passage of time; in this case study, that of marine mammal hunters in 19th century Antarctica.

Key-words: Antarctic, time, perception archaeology, sealers and whalers.

INTRODUÇÃO

O grupo arqueológico que proponho estudar são os caçadores antárticos de mamíferos marinhos do século XIX. Um dos poucos núcleos de pesquisa que se volta para o assunto, em especial no que se refere aos foqueiros antárticos, é o Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas (Leach), da UFMG. Apesar da recente abertura do Leach (em 2010), os pesquisadores vinculados ao laboratório se dedicam a temas correlatos desde 1995². Minha pesquisa³, em andamento, se dá, portanto, a partir de um vínculo com o Leach⁴.

Proponho estudar o que tenho chamado de *tempos antárticos*. Ficam já enunciados no termo diversos tempos e Antárticas, significando uma multiplicidade onde normalmente se vê apenas unicidade. Implica também uma relação estreita entre as duas dimensões: espaço e tempo. *Tempos antárticos* deve apontar também para a existência de vivências e percepções (pois eles são dotados de sujeitos) e de muitas delas, naquele espaço e em distintos momentos (tanto históricos quanto pessoais). Como será explicitado ao longo do texto, são inúmeras as experiências e compreensões possíveis em torno dessas dimensões. Esse artigo explora essa ampla questão, concentrando-se em um recorte histórico, através de apenas um dos vários caminhos possíveis: alguns escritos dos (ou sobre) foqueiros e baleeiros do século XIX.

Os textos documentais que uso como fontes são, em sua maior parte, extratos de diários de bordo (ou *logbooks*), publicados em documentação secundária encontrada especialmente *online* (referenciada na bibliografia em final de texto). Embora extremamente ricos para o tipo de análise aqui proposta, os diários de bordo são documentos de difícil acesso, tanto por não haverem sobrevivido em

2 O trabalho de pesquisadores do Leach no tema da história antártica se iniciou com Andrés Zarankin e Maria Ximena Senatore, em 1995, quando se envolveram em escavações na ilha Livingston (Zarankin e Senatore, 2007). Zarankin, quando passou a lecionar na UFMG em 2006, traz o projeto de pesquisa para o Brasil e cria o laboratório, que desde então coordena as expedições latino-americanas em campo.

3 Esse artigo trata de algumas das questões ou premissas que estão norteando minha pesquisa de mestrado em andamento, orientada pelo prof. Andrés Zarankin, no Programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, (PPGAN / UFMG) e apresenta algumas das considerações iniciais que proponho.

4 O Leach propõe uma extensão da cooperação e da integração internacional dos projetos antárticos latino-americanos de pesquisa em ciências humanas (dos pesquisadores argentinos, brasileiros e chilenos e dos dados que produzem) e uma ampliação temática dos objetivos que o projeto brasileiro propõe (antropologia antártica, geopolítica antártica, conservação de materiais arqueológicos antárticos, geoarqueologia antártica, estudos fenomenológicos, arqueologia pública, arqueologia digital, entre outros). Isso significa uma intensificação de cooperação e troca mútua, um aumento na disponibilização de dados e de fontes, e uma diversidade de formações acadêmicas dos pesquisadores envolvidos. Tudo isso é extremamente frutífero e desejável para todo tipo de trabalho de pesquisa. E não poderia ser de outra forma, já que falamos de pesquisas em um local de extrema dificuldade de acesso físico e acadêmico, a Antártica.

grande quantidade como também por se localizarem dispersos pelo mundo (especialmente EUA e Reino Unido)⁵. Os trechos dos diários de bordo citados nesse artigo foram escritos por capitães, oficiais e tripulação em geral e se referem, direta ou indiretamente, ao tema principal do artigo – o tempo e sua passagem – apesar dos vários interesses que suscitam.

Utilizo aqui relatos referentes a tanto caçadores de focas e elefantes marinhos (foqueiros) quanto baleeiros. Por vezes até utilizo genericamente a expressão ‘caçadores de mamíferos marinhos’. Pode-se pensar que isso constitui um problema analítico, uma vez que esses dois grupos são por vezes trabalhados e compreendidos independentemente, com alguns autores trabalhando o período de auge do ciclo foqueiro antártico ou os grupos de foqueiros em geral (Basberg e Headland, 2008; Berguño, 1993a e b; Bonner, 1968; Smith e Simpson, 1987; Stackpole, 1955) e outros autores se dedicando mais especificamente ao período e aos grupos baleeiros (Druett, 2001; Verrill, 1916). No entanto, não necessariamente se caçava apenas um mamífero marinho exclusivamente e a caça de outro animal pode ter sido interessante em determinado momento. Além disso, dada a proximidade intencional das viagens (econômica e exploratória) e a convergência de espaços utilizados (mar, navio, portos), penso que são mais similares que distintos. Portanto, proponho uma leitura conjunta desses dois grupos e suas vivências⁶, tanto para buscar uma compreensão comparativa, quanto para buscar uma noção do *fluxo do vivido antártico*⁷.

Os trechos então transcritos nesse artigo (tal como informações em geral selecionadas) revelam algo sobre quais atividades essas pessoas desempenham e como as organizam em função do tempo que tem, sobre como estruturam seus horários, sobre como planejam suas vidas a longo prazo, sobre como recordam o familiar, sobre tensões entre o tempo coletivo e o pessoal, sobre ritmos de espaço-tempo, entre outros. Eu os proponho como possibilidades. Também como passos iniciais dessa pesquisa, que, em seu formato integral, compreenderá outras fontes de informação⁸.

5 Pensar a dimensão temporal a partir dos diários de bordo apresenta o problema potencial de restringir a análise para apenas os momentos e eventos passados no navio ou durante a viagem (minimizando os eventos em portos e planejamento de viagens, que, apesar de menor duração, são decerto importantes para compreender o desenvolver das expedições). Essa e outras questões serão abordadas na dissertação.

6 Mantenho alguma distinção entre os dois grupos, como se percebe pela própria estrutura do texto e referência a relatos, porém, busco um paralelo entre as interpretações produzidas.

7 Esse conceito será explicitado ao longo do texto.

8 Um dos objetivos da pesquisa de mestrado é integrar várias fontes distintas de informação: histórica primária e secundária; experiências pessoais minhas, apreendidas através de fotografias e diário; experiências de outros, apreendidas através de conversas com marinheiros brasileiros; materialidade antártica, através de análise de elementos arqueológicos, em base de dados digital. Esse artigo, no entanto, apresenta uma pequena porção da pesquisa, uma vez que compreende uma parcela pequena da análise histórica.

Mas porque estudar o tempo, dentre tantas outras dimensões da vivência dos caçadores? E porque pensar o tempo através das percepções subjetivas dessas pessoas ou com o auxílio de alguns dos conceitos da fenomenologia de Husserl, quando se tem na arqueologia formas perfeitamente lineares de se compreender o tempo e o espaço?

A IDÉIA INICIAL: TEMPO E PASSAGEM

Tantas ciências, tantas pessoas, tantas culturas e sociedades, já se perguntaram o que é o tempo em sua essência e o que ele significa para nós. Cada resposta é única e a questão persiste e constantemente se reconfigura. Penso que compreendemos o tempo inicialmente por meio da percepção das suas alterações, ou seja, por meio da passagem do tempo, do seu ritmo, seu movimento. Nessa concepção, algo aristotélica, não existe tempo onde não existe movimento, mas o tempo não é o mesmo que movimento. O tempo em si não é palpável ou mensurável, da maneira que o é o seu movimento. Assim, evitando a abstração do tempo, é comum dividi-lo através da classificação dos modos pelos quais ele é percebido. Essa classificação geralmente compreende artifícios físicos, biológicos, subjetivos e individuais, sensoriais, culturais e históricos da percepção da passagem do tempo.

Desse modo, é possível discutir o tempo a partir de vários caminhos, entre eles, as várias disciplinas científicas⁹. Com a física em mente, podemos pensar o tempo dos fenômenos físicos tanto na mecânica clássica quanto na física quântica; através da química, podemos trabalhar o tempo de reações entre elementos e moléculas; na biologia, podemos medir o tempo biológico dos seres vivos ou o tempo da evolução das espécies; a geologia permite pensar um tempo ainda mais remoto, com o tempo dos fenômenos de formação de rochas e veios; com a antropologia podemos trabalhar as diferentes concepções cosmológicas de tempo para os vários grupos etnográficos; para a história, é possível pensar o tempo histórico das mudanças econômicas ou das alterações de costumes sociais; com a filosofia, podemos pensar o tempo ontologicamente ou o tempo por meio da filosofia das ciências. São resumidas as possibilidades acima apresentadas e certamente compõem um espectro estreito frente a todos os desdobramentos possíveis.

Voltando ao tempo físico, esse é observado pelas alterações do movimento astronômico. É regular, abstrato, reversível, irreflexivo, contínuo, homogêneo e

9 As disciplinas científicas pensam o mundo através de um tempo muito particular. É um tempo que, baseado no tempo físico, busca objetivar os fenômenos e linearizá-los. Além disso, cada disciplina científica cria sua própria forma de compreender o tempo, tal como o mundo, de modo a fragmentá-lo de forma irreal, justificando-se nas benesses analíticas. Trata-se de um modo de pensar que fundamenta hoje o conhecimento que temos da realidade. Início aqui, portanto, uma busca pela particularidade do tempo científico, e como explicito em seguida, do tempo arqueológico, para evidenciar possíveis críticas e adições que a fenomenologia pode fazer a ele.

linear¹⁰ (Reis, 2005). Esse é o tempo que medimos pelo relógio, pelo calendário, pelos astros no céu. É um tempo de referência para tantos outros. Apesar de levar uma carga de objetividade e impessoalidade, esse tempo o é tal como apreendido pelo ser humano. Há também os tempos histórico, social e cultural, que se referem às mudanças nas estruturas ou normas de organização grupal dos indivíduos (Reis, 2005). Um exemplo é o tempo do capitalismo, medido através das atividades econômicas ou pelo relógio de ponto, equivalendo tempo e moeda e fazendo a velocidade necessária (Thompson, 1998). Outro exemplo se encontra nos marcos culturais da passagem linear de tempo e ciclicidade, como ritos de passagem e festas cíclicas (Piettre, 1997). Um último exemplo são os eventos históricos que marcam períodos, tais como a periodização ocidental linear que divide a história em Antiguidade, Idade Média, Moderna e Contemporânea. Fica evidente aqui que *tempo* e *temporalização* podem se confundir quando buscamos compreender o *tempo* através da sua passagem (Hartog, 2006). Os instrumentos – sensórios ou manufaturados – utilizados para perceber, medir e qualificar os movimentos temporais são humanos (mesmo se em constante referência ao tempo físico). Se, numa concepção materialista da realidade, o tempo exista fora da nossa percepção, como poderíamos percebê-lo ou concebê-lo senão através dos nossos meios? Portanto, para o nosso entendimento do que é e do que significa o tempo para nós é o tempo tal como ele se apresenta – ou seja, através da sua inconstância e movimento.

Vários outros tipos de tempo são ainda frequentemente mencionados, tais como o tempo metafísico, macrotempo, sincrônico, sagrado e profano, metatempo (Hall, 1996); o tempo da filosofia (Reis, 2005) ou o tempo universal (Piettre, 1997). A compreensão do tempo a partir de tipologias, próprias do pensamento moderno ocidental, não exclui sobreposições de tipos. Um exemplo é a medição dos relógios e dos calendários, que é ao mesmo tempo física e histórico-cultural. Ou, ainda, percepções biológicas da passagem de tempo apresentam também uma dimensão individual e subjetiva.

Finalmente, “ao nível de uma micro-análise, pode-se afirmar que existem tantos tipos de tempo diferentes como de seres humanos neste planeta” (Hall, 1996: 23) – há tantas expressões temporais quanto há modos de compreensão do universo, da vida e da existência. A percepção pessoal das alterações no mundo, que pode ser visto como uma compilação individual de todos os outros, vai desde as atividades que realizamos no presente até o que é observado ou remetido pela memória. Esse é um tempo relativo, sensorial, múltiplo, inconstante, descontínuo, reflexivo e indiscutivelmente humano.

10 O tempo físico é geralmente concebido como não-humano. No entanto, penso que o tempo físico é também humano, como será explicitado em seguida.

Frente a tantas maneiras disciplinares de se apreender a passagem do tempo, duas questões¹¹ interessantes à arqueologia podem ser levantadas:

1. Como é a maneira arqueológica de se entender o tempo, quais são suas características e suas propriedades distintivas frente ao tempo histórico e tempo cultural, por exemplo, ou o tempo físico e biológico? Como a arqueologia tem tratado o tema do tempo?

2. E, por outro lado, para nós é possível compreender as dimensões subjetivas da percepção da passagem do tempo tidas por grupos arqueológicos, através das evidências remanescentes e apreensíveis?

ESTUDAR O TEMPO NA ARQUEOLOGIA

Para relacionar tempo e arqueologia, inicialmente penso na própria auto-definição da disciplina. A arqueologia se resolve acerca de noções de temporalidade e de materialidade / espacialidade¹²: “a arqueologia é o estudo de grupos passados com base nas coisas que eles deixaram para trás e nas impressões que eles deixaram no mundo” (Deetz, 1996: 04). Geralmente a temporalidade arqueológica se associa à definição do objeto de estudo, enquanto o mundo físico define a abordagem: se estuda o passado, através dos objetos, das coisas e das marcas corporais deixadas nos lugares. Nesses termos, a arqueologia utiliza-se do concreto (coisas ou impressões no mundo) para compreender o imaterial temporal (grupos passados). De fato isso ocorre. É através do vestígio arqueológico (por natureza fragmentário) que se pode obter informações sobre realidades passadas: “faz-se perguntas ao mundo material” (Johnson, 1999: 12). Por outro lado, o estudo arqueológico permite alcançar, especialmente desde os anos 1980 com a arqueologia pós-processual, algum entendimento de grupos passados acerca de vivências, de processos mentais e de significados atribuídos. Os objetos, os lugares e as paisagens são, de acordo com cada uma das várias correntes de pensamento arqueológico, indícios, símbolos, pistas, representações, conexões ou receptáculos do passado imaterial.

No entanto, temporalidade e materialidade são indissociáveis. Do mesmo modo, não se podem separar as percepções temporais das percepções espaciais. Tanto é assim que a separação analítica entre essas dimensões sugere a existência

11 Essas são questões centrais nessa discussão, ainda que apareçam apenas de modo latente e indireto ou, que ainda, a interrogação permaneça no final desse texto. Tratam de problemas disciplinares, referentes também a como a própria ciência compreende o tempo e, portanto, são fundamentais na estruturação de qualquer nova proposta de conhecimento.

12 Pensar a materialidade e a espacialidade associadamente reflete um conceito de artefato ou vestígio arqueológico, que inclui, não somente estruturas de vivência e trabalho, os objetos de uso pessoal dos grupos passados ou até mesmo ecofatos, mas também paisagens, lugares, espaços e locais.

no presente de porções inalteradas de certa realidade passada. Torna os vestígios estáticos ou externos ao presente, praticamente portais do tempo ou bolhas impenetráveis, quando “nossos tão queridos artefatos, na verdade, pertencem ao presente” (Johnson, 1999: 12).

A separação entre temporalidade e materialidade / espacialidade sugere também um conceito de tempo como um invólucro inerte para eventos e acontecimentos (Lucas, 2005). De fato, a materialidade / espacialidade não é percebida sem uma dimensão essencial, o tempo. Sem a percepção do tempo não há percepção de espaço, de movimento, de estaticidade, de velocidade ou de aceleração. Não se percebem transformações, acontecimentos, continuidades, perdas ou adições. Não se possuem as referências necessárias para o estabelecimento de uma rede de eventos sucessivos experimentados. Também não se percebem sensações físicas, como toques, sons e odores ou sensações emocionais, como medo, contentamento e tédio.

A própria percepção espacial é vinculada à dimensão temporal:

Daily passages through the landscape become biographic encounters for individuals, recalling traces of past activities and previous events and the reading of signs - a split log here, a marker stone there.

All locales and landscapes are therefore embedded in the social and individual times of memory. Their pasts as much as their spaces are crucially constitutive of their presents. Neither space nor time can be understood apart from social practices which serve to bind them together (Tilley, 1994: 27).

Na perspectiva do arqueólogo supracitado, tempo e espaço são coisas distintas, mas indissociáveis e intransponíveis. Espaços, coisas e pessoas são compreendidas numa sucessão comparativa, por meio da formação de uma estratigrafia de significados (memória).

Assim, o estudo arqueológico trabalha sempre – ainda que indiretamente – com noções de tempo e de passagem de tempo, já que esse é dimensão crucial na compreensão arqueológica. É objeto, método, razão e sujeito. A passagem do tempo separa – ao menos em certo grau – um ponto e outro, tal como as outras dimensões, de modo que sem ele o estudo de grupos ou eventos passados seria unicamente o estudo de grupos e eventos coexistentes e intercambiantes. Mas o tempo não somente produz distância entre formas de pensamento (o que implica algo da natureza do estudo arqueológico: o estudo do que é menos familiar devido às conseqüências da passagem do tempo), como também produz o vestígio, o

seu abandono e sua sedimentação: evidência de tais distâncias temporais. Assim, a passagem do tempo e as distâncias que ela cria não somente geram supostos obstáculos e dificuldades para a realização do trabalho arqueológico, uma vez que as distâncias temporais criam também outras distâncias, mas também confere legitimidade e justificativa à disciplina¹³.

A intensa relação conceitual que a arqueologia demanda entre subjetividade, tempo, espaço e artefato traça o caminho que pretendo percorrer nesse texto. Para isso, além dos métodos arqueológicos de pesquisa e interpretação, serão associados métodos de investigação próprios de outras disciplinas, como a história e a filosofia, para uma investigação do tempo na própria percepção de grupos passados específicos: caçadores antárticos. Da História e da Arqueologia Histórica pretendo incorporar a utilização de documentos escritos, provenientes principalmente de documentação secundária, porém com presença de relatos de diários de bordo. Por outro lado, a longa tradição de estudos acerca do tempo na disciplina da filosofia está sendo de grande auxílio para esse estudo, especialmente a fenomenologia de Edmund Husserl¹⁴. Os conceitos de tempo, de consciência e de método fenomenológico propostos pelo filósofo são, sobretudo, utilizados na análise aqui proposta dos grupos de caçadores antárticos do século XIX.

A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL E O *FLUXO DO VIVIDO* ANTÁRTICO

As várias disciplinas da filosofia – em especial a metafísica, a ontologia e a epistemologia, mas também a lógica, a ética, a filosofia política e a estética – se ocuparam em alguma medida de considerar sobre o tempo. São várias as abordagens produzidas, tendo em vista os tantos filósofos consagrados, a amplitude temporal do que chamamos filosofia e os tantos conceitos que podem ser associados ao do tempo. Edmund Husserl (1859-1938) associou o conceito de percepção ao

13 Essa vista panorâmica do papel e da posição do conceito de tempo no pensamento arqueológico, ainda que superficial, possibilita perceber a importância de se trabalhar a fundo o tema e de se manter em mente a sua fundamentalidade no trabalho arqueológico. No entanto, apesar de estarem sempre latentes nos seus objetivos, métodos e questões, tais como a construção de cronologias e datações, a arqueologia raramente trabalha de maneira direta com o conceito do tempo e com as questões que ele evoca. Algumas exceções importantes são Gavin Lucas, Willey e Phillips, e Tim Murray, e, no Brasil, Marcos Pereira Magalhães. De forma geral, são trabalhos que buscam, talvez mais que outros objetivos, avaliar a situação da disciplina frente ao tema, focalizando a utilização do conceito de tempo entre os arqueólogos e denunciar suas implicações específicas (como, por exemplo, as noções de tempo linear ou tempo cíclico, ou divisões entre tempo, forma e espaço, ou, ainda, a implicação dos conceitos arqueológicos da sedimentação, seriação e faseamentos).

14 Esse artigo focaliza a aplicação de métodos e conceitos da fenomenologia (especificamente a de Edmund Husserl, um recorte justificado na valia do pensamento desse filósofo e nas limitações inerentes a uma dissertação de mestrado) no estudo de caso dos caçadores antárticos. A associação dessa fenomenologia com os métodos tradicionalmente arqueológicos serão aqui apenas enunciados, porém estarão presentes no texto – ainda em construção - relativo à minha pesquisa de mestrado.

de tempo, nas suas descrições do método fenomenológico de pesquisa, de modo especialmente útil para a arqueologia da percepção.

Husserl trabalhou no campo da crítica do conhecimento, pedindo por – e buscando elaborar – uma ciência autocrítica e autoconsciente. Para essa ciência que idealizou, a fenomenologia, o saber imanente parte da *cogitatio*: “As *cogitationes* são os primeiros dados absolutos” (2008: 21). Isso significa dizer que o conhecimento surge da dúvida de conhecimentos não absolutos e não imanentes. A dúvida é aquilo que orienta todo estudo científico, eliminado aquilo que é transcendente. É o estudo daquilo que se dá em si mesmo. O trecho supracitado significa também a importância do dado absoluto no método fenomenológico de Husserl e a grande preocupação do filósofo é com a objetividade da construção do conhecimento. É o estudo dos conhecimentos como fenômenos. Esses fenômenos são, no entanto, atos da consciência (e eu disse *no entanto* já que, quando se procura objetividade, o comum é pensar nos fenômenos como externos à consciência). É na *consciência* que convergem todas as dimensões da vivência: corpórea, psíquica e espiritual (Bello, 2006). Ainda que Husserl propusesse que os fenômenos aconteceriam no âmbito da consciência, e que é nele que eles devem ser, portanto, compreendidos, isso não implica anular a objetividade do objeto. Isso por que:

(...) existem a percepção, a fantasia, a recordação, a predicação, etc., e que as coisas não estão nelas como num invólucro ou num recipiente, mas *constituem* nelas as coisas, as quais não podem de modo algum encontrar-se como ingredientes naquelas vivências (Husserl, 2008: 30).

O método que possibilita isso é o da redução fenomenológica. Através da redução, se extrai todo elemento indesejável para a objetividade da observação científica:

(...) não é [a redução fenomenológica] exclusão do verdadeiramente transcendente (por ex., no sentido empírico-psicológico), mas exclusão do transcendente em geral como de uma existência a admitir, isto é, de tudo o que não é dado evidente no sentido genuíno, dado absoluto do ver puro (Husserl, 2008: 25).

A redução fenomenológica é, portanto, uma exclusão de todas as posições transcendentais. A essência (ou o sentido) de um fenômeno deve ser transformada intuitivamente em dado. Durante a redução fenomenológica, processo que ocorre

na consciência, Husserl propõe que “O fenômeno psicológico na percepção e na objectivação psicológicas não é realmente um dado absoluto, mas só o é o fenômeno puro, o fenômeno reduzido” (Husserl, 2008: 24). Isso implica na necessidade de uma transformação do fenômeno psicológico em fenômeno puro ou dado absoluto. A esse processo, Husserl denomina *tomada de consciência*, que possibilita a percepção das outras dimensões e sensibilidades. Uma vez que os fenômenos subjetivos são reduzidos, eles serão objeto de análise. Como já dito, o estudo fenomenológico parte da dúvida, para uma ciência dos fenômenos intuitivos.

Esses fenômenos das vivências subjetivas – como objeto não somente plausível, mas também necessário – são organizadas pelo tempo (o tempo imanente), através das recordações, que mantêm vivos no *agora* tudo aquilo que em outros estudos poderiam ser considerados como passado, finito e impenetrável: “Cada recordação remete-me para uma cadeia completa de recordações possíveis até ao agora actual, e para co-presencialidades a desvelar em cada lugar do tempo imanente” (Husserl, 1992: 18).

O tempo que a fenomenologia busca apreender, aquele que se relaciona aos fatos objetivos e não àquilo que é transcendente, é o tempo imanente. É um tempo que, como os fenômenos puros, também carrega uma objetividade peculiar. Husserl aponta uma diferença entre o tempo cósmico e o tempo fenomenológico. O segundo é fragmentado em porções de tamanhos distintos e não é medido por meios físicos ou pelo tempo cósmico, apesar de apresentarem alguns aspectos em comum. É uma *forma necessária de vinculação entre vividos* e é medido pelo *fluxo do vivido*: uma unidade finita e eterna, onde um *agora* é continuamente substituído e precedido por outros (Husserl, 2006: 185). Esse *agora* se apresenta sempre pontual e inovador, enquanto os vários *agoras* que o circundam devem ser sempre referenciados entre si, por meio das recordações, por exemplo. A diferença fundamental entre o tempo cósmico e o tempo fenomenológico é que o tempo imanente não é medido pela posição do sol, relógio ou outro meio físico, mas é compreendido pelo *antes* e *depois*, pelo *simultâneo* ou o *subseqüente*.

Essa contínua referência constrói o que Husserl chama de retenções e protensões, que são apropriações de tempo – anterior e posterior – associados ao tempo pontual original. Essa maneira de compartimentar o que seria um tempo linear – passado, presente e futuro – na verdade, possibilita várias combinações distintas, que fazem do fenômeno uma experiência dinâmica, múltipla e fluida. O registro e a análise temporal efetuados pela consciência das coisas e dos eventos permitem viver as experiências e, também, a memória, de modo que o tempo não é linear, mas revolve em torno da experiência e do sentido que se dá a ela.

Sons, imagens, sensações, pensamentos e experiências conformam os fe-

nômenos do tempo imanente, que, quando puros, podem ser compreendidos como fatos. As recordações organizam esses elementos no fluxo do vivido. Os relatos históricos, os objetos materiais, as estruturas e as paisagens, ou seja, toda a materialidade arqueológica se encontra no *agora* presente, mas, enquanto recordação, também no *agora* passado. Fazem parte de um fluxo do vivido. É através do estudo da predicação humana, vinculada ao tempo, ao espaço e às atividades lá realizadas, que entenderemos o *fluxo do vivido antártico*.

O AGORA PASSADO, INSERIDO NO PRESENTE: PORÇÕES DO FLUXO DO VIVIDO ANTÁRTICO

Após discutir algo do que fundamenta as escolhas pelo objeto de estudo – tempo – e por alguns conceitos teórico-metodológicos a serem utilizados no percurso – como *fluxo do vivido* e *tempo imanente* – volto aos grupos passados que procuro estudar aqui.

A palavra *exploração*, na língua portuguesa, propõe dois sentidos muito diferentes, que, historicamente, porém são intimamente conectados. Um deles remete à busca por conhecimento, à tomada de riscos e de sacrifícios pela expansão do saber, fundamentadas na criatividade, no auto-sacrifício, na coragem e na sede pelo conhecimento, todas as características comumente consideradas nobres e essenciais ao melhor tipo de ser humano. A imagem que se tem do sujeito dessa exploração é a de um indivíduo do sexo masculino, buscando expandir os horizontes conhecidos pela humanidade, até os confins do mundo e da razão. O outro sentido da palavra se refere à extração intensa de recursos, à sobre-utilização de um espaço ou de pessoas para fins externos a esses. Essa exploração resulta em locais vazios e estéreis e no seu conseqüente abandono. Para muitos, hoje, é uma imagem negativa. No entanto, as duas explorações se conectam, à medida que se impulsionam mutuamente, que uma dá lugar para a outra, ou, ainda, ao que uma serve de pretexto ou motivação aparente para a outra.

A história da Antártica foi construída por ambas as explorações (Zarankin e Senatore, 1999; 2005; 2007). Foi tanto espaço onde grandes homens provaram sua coragem, audácia e auto-sacrifício, quanto espaço de extração de recursos. Outros espaços no mundo experimentaram concomitantemente ambas as explorações, como o oeste americano, o Ártico, a América Latina e as chamadas colônias africanas. No entanto, esses espaços receberam, ainda que em medidas diferentes, contingentes populacionais permanentes, urbanidade e ruralidade, conflitos entre nativos e colonizadores. A Antártica não é urbana, não é rural, não possui nativos. Diferentemente da África ou das Américas, incluindo as áreas relativamente próximas da terra do fogo e da Patagônia (Martinic, 2002), a Antártica

não fez parte de um processo de colonização ou de evangelização de nativos, de domesticação de animais e de espaços férteis e habitacionais, ou, ainda, de alocação permanente e ininterrupta de grupos e de hierarquia administrativa. A história da Antártica é única e a idéia da própria Antártica é algo como fragmentada do restante do mundo, à parte. Desse modo, a integração da Antártica no restante do mundo, ainda que lenta, fragmentada e esporádica, se deu especialmente a partir da exploração sazonal de recursos econômicos antárticos, após a sua descoberta e as viagens dos grandes exploradores no início do século XIX. Essa exploração concentrou-se inicialmente nos pinípedes, para extração principalmente de óleo e couro, e, posteriormente, nos cetáceos, para extração de óleo para lubrificação e iluminação e outros produtos. Esses itens eram comercializados em vários portos do globo, no sistema propriamente capitalista que já se havia instalado.

Essas duas explorações se conectam quando falamos tanto dos foqueiros quando dos baleeiros, muito comumente citados com grande admiração e louvor, exaltando seus feitos em prol da expansão do conhecimento cartográfico e de mundo e da provação da coragem e audácia humanas. A citação abaixo ilustra isso, para o caso foqueiro:

It is with the voyages of these mariners among the South Shetland Islands that we are herein chiefly concerned. On this fringe of Antarctic seas, they established camp and rendezvous, sailing through the Ice-filled channels and along the rocky shores of the desolate islands; here they lived incredible lives, plundering the rookeries and exterminating the seal. And here they braved the unknown dangers of the icy, uncharted waters to the south, becoming the first among men to sight, recognize and land where rise the snowy mountains of the last great continent — Antarctica (Stackpole, 1955: 06).

As tarefas relacionadas ao trabalho da caça (tanto de pinípedes, quanto de cetáceos) eram extremamente físicas e brutas. Essas incluíam não somente a morte dos animais, mas também o processamento desses. Esse tratamento dos animais, embora malvisto hoje, não impedia que os viajantes fossem vistos como heróis e grandes homens (Basberg e Headland, 2008).

OS FOQUEIROS E A ANTÁRTICA

*I Think This Southern Land to Be a Continent*¹⁵

A documentação histórica sobre a caça foqueira e a caça baleeira na Antártica é escassa, fragmentária e distribuída ao redor do globo. Conseqüentemente, o que se sabe ao certo sobre essas atividades, tanto a nível macro quanto a nível micro, não é substancial. Pouco se sabe sobre o cotidiano dessas pessoas, especialmente quando nas praias¹⁶, já que os trabalhos até hoje realizados enfatizaram a descoberta ou os ciclos econômicos (Pearson, 2007; Zarankin e Senatore, 2007).

No entanto, até o momento sugere-se que elas se deram em momentos distintos do século XIX, ainda que eventualmente pudessem se sobrepor, com picos de intensidade e de lucro diferentes, e conectaram a Antártica a alguns pontos distintos do globo (Salerno, 2006; Senatore, Zarankin, Salerno, Valladares, 2008; Senatore e Zarankin, 1999; Smith e Simpson, 1987; Zarankin e Senatore, 1997, 2000, 2005, 2007; Zarankin, Senatore e Salerno, 2009).

Um comércio propriamente capitalista já havia sido instalado em várias áreas do mundo, no Atlântico, no Índico, no Pacífico, comercializando óleo e pele de vários mamíferos marinhos. A caça foqueira na Antártica, enfatizando focas e elefantes marinhos, teve um grande pico de intensidade entre os anos de 1820-25, com um retorno brando na década de 1880. Nesses poucos anos, os foqueiros coletaram números altíssimos de peles de focas e dizimaram¹⁷ colônias desses animais, fragilizando seu equilíbrio e ameaçando sua existência. Durante esses poucos anos, lucros intensos foram produzidos, mobilizando dezenas de navios e vários capitães e tripulações, provenientes de nações diferentes. De acordo com Headland (1989), os navios foqueiros na Antártica proviam dos Estados Unidos, Reino Unido, Gales, África do Sul, Nova Zelândia, França, Tasmânia, Canadá, Chile, Noruega, Portugal, Alemanha, entre outros, distribuídos no tempo de acordo com os gráficos ao lado (**Figura 1**):

15 Capitão John Davis, do navio Huron, escreveu essas palavras em seu diário, na data de 07 de fevereiro de 1821. Foi então citado por Stackpole (1955) como a primeira menção documentada conhecida de avistamento do continente Antártico, após o descobrimento das ilhas Shetland do Sul, por caçadores de mamíferos marinhos.

16 Os eventos que acontecem nos navios ou mesmo previamente às viagens podem ser encontrados nos – ainda que poucos – diários de bordo sobreviventes, como é o caso dos diários de bordo dos navios foqueiros *Huntress* e *Hero*.

17 Para uma descrição detalhada da caça às focas, da morte e do processamento desses animais em produtos comercializáveis, ver Fanning, 1924. PP. 255-264.

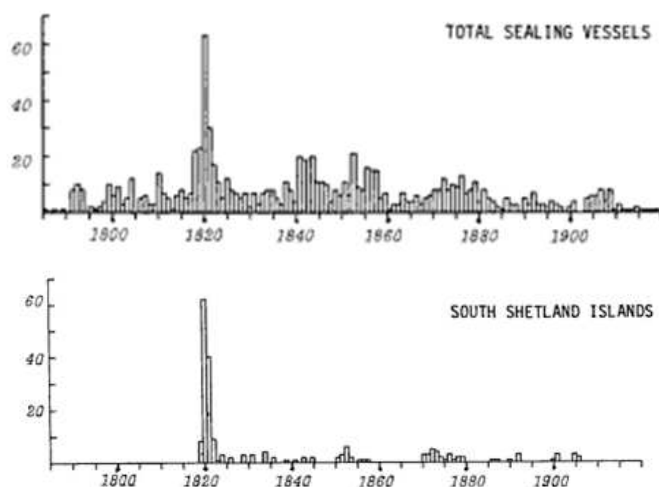


Figura 1: Gráficos de quantidade de navios x ano. Fonte: Headland, 1989, pgs: 41 e 43¹⁸.

A caça foqueira certamente não se inicia no continente Antártico, mas se inicia nos oceanos austrais entre as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do XIX, das ilhas Juan Fernandez, Kerguelen, Tasmania e Nova Zelândia, às Malvinas (Falklands), as ilhas Sandwich, as Orkney do Sul e às Shetlands do Sul¹⁹, conforme a **Figura 2** (Boone, 1968).

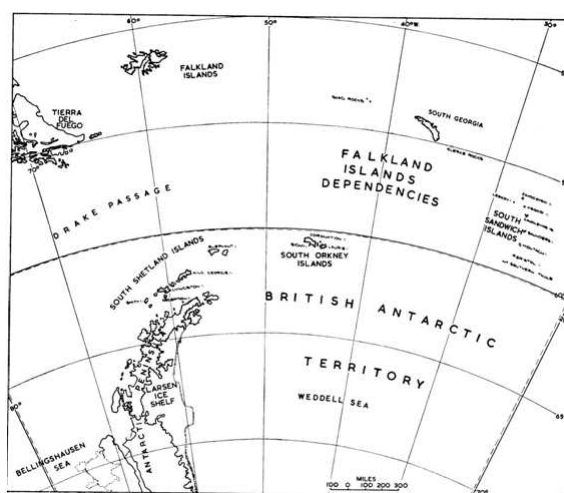


Figura 2: Região austral de caça foqueira, final do século XVIII e início do XIX. Fonte: Boone, 1968: 20.

18 Os dados utilizados pelo autor para a produção desses gráficos incluiu não somente fontes primárias, mas fontes também secundárias, desde que acessíveis, incluindo desde diários de bordo até lápides (Headland, 1989: 46).

19 A data de descoberta das ilhas Shetland do Sul pelo capitão britânico Williams Smith em 18 de fevereiro de 1819 é questionável (Zarankin e Senatore, 2005, 2007), uma vez que a caça foqueira era uma indústria competitiva, onde o conhecimento das localidades mais favoráveis e a exclusividade da sua exploração oferecem maior possibilidade de lucro.

Após o conhecimento do continente Antártico houve várias incursões à região para busca de peles e óleo. Esses itens eram comercializados globalmente, com grande mercado na China, sendo a pele para vestimentas, como chapéus, casacos, coletes e botas, e o óleo para lubrificação, manufatura e iluminação.

Os foqueiros (ou *sealers*, no inglês) antárticos trouxeram grandes lucros para suas empresas no início do século XIX. Essa primeira indústria antártica (Basberg e Headland, 2008: 3) foi, no entanto, uma indústria de curta duração, uma vez que os animais eram mortos tão rapidamente e em tão larga escala, sem planejamento de sustentabilidade por gênero ou idade do animal, que quase levou as espécies que sustentava a atividade à sua extinção na região. Isso já aponta para uma lógica capitalista de pensamento (Zarankin e Senatore, 2000, 2005, 2007), e também para um **tempo capitalista**. A indústria foqueira nas ilhas Shetland do Sul, durou alguns poucos anos, especialmente na década de 1820, comercializando principalmente nos portos de Londres, Nova York e Canton, retornando com menor intensidade na década de 1870 (Basberg e Headland, 2008; Boone, 1968; Smith e Simpson, 1987; Zarankin e Senatore, 2007). O ritmo do trabalho foqueiro acompanhava as flutuações do mercado das peles e do lucro potencial das expedições. Nas Shetland do Sul²⁰:

The 1820–21 Antarctic summer season was a grim one for fur seals hauling out on the shores of the South Shetland Islands. At least fifty British and American ships vied for prime seal territories on a first-come, first-served basis. Even William Smith, the discoverer of the South Shetland Islands, was horrified at the congestion. “To your Memorialist’s surprise, there arrived from 15 to 20 British Ships with about 30 sail of Americans,” he lamented. The situation was volatile, and gangs of sealers strictly enforced their own version of property rights (Landis, 2001: 43-44).

Sabemos, especialmente através dos diários de bordo disponíveis, que o ritmo de trabalho dos foqueiros era intenso, respeitando os limites e as possibilidades oferecidos pelo mar e pela presença da caça. A alta quantidade de focas abatidas de 10.000 em 12 dias, no trecho abaixo (datado de 1820), pelo navio *Hero*, demonstra a intensidade do trabalho foqueiro nos seus anos iniciais, que, nesse caso apresenta uma média de abatimento de 830 focas/dia ou 34 focas/hora, se o trabalho nunca

20 Apesar da alta intensidade da caça foqueira no arquipélago Shetland do Sul, especialmente no curto período mencionado, não é frutífero considerá-las como ilhas isoladas, como em alguns exemplos da chamada *Island Archaeology* (Spriggs, 2008). Os foqueiros eram chamados ‘nomades do mar’ e visitavam várias ilhas em apenas uma viagem, cujos navios aproximavam-se das costas, deixando grupos em diversas praias esvaziando as ilhas sucessivamente (Basberg e Headland, 2008).

cessasse. Ainda mais, o número citado abaixo se refere a peles e não focas inteiras, de modo que o processamento da foca também fora feito nesse curto período:

In this harbor, therefore, on December 8, 1820, the Huntress and Huron and their shallop finally found a haven. It was a fortunate location. The Stonington fleet had done and were doing well. The Hero's log shows that Captain Pendleton's fleet had already salted down 10,000 skins. This was during the twelve days between their anchoring at Yankee Harbor and the arrival of the New Haven and Nantucket craft (Stackpole, 1955: 33)²¹.

Denota-se um ritmo forte de trabalho: um tempo sempre preenchido com atividades braçais, físicas e cansativas, talvez, por isso, tenso e comprimido. Um tempo que pode ter sido primordialmente introspectivo, no que esse trabalho intenso necessita certa dose de concentração individual, mas também coletivo, ao passo que a divisão do trabalho e as etapas devem ser bem coordenadas. A violência e a brutalidade da morte dos animais eram considerações irrelevantes, possibilitando o produto final e o lucro: eram esses momentos que justificavam a própria presença na Antártica. Enquanto trabalham intensamente estão realizando sua função primordial no local. É um tempo de certa completude. Aqui também, além de conseguirem o produto comercial, adquirem também comida: as carnes e línguas (consideradas iguarias) das focas eram consumidas talvez mais que como sobrevivência, mas como troféus do trabalho realizado. Da energia e do tempo investido.

Quando em terra, eles trabalhavam em grupos alocados periodicamente nas praias, mais tipicamente durante o verão austral, construindo refúgios em pedra e madeira, processando os animais em produtos (Zarankin e Senatore, 2007). Por outro lado, quando no mar, esses não eram operários comuns: "Among our crew there were some mechanics, all, with one exception, first-rate workmen" (Fanning, 1924: 153). Não somente os capitães e oficiais, mas também os trabalhadores mais braçais da caça às focas eram, antes de serem caçadores, marinheiros (*seamen*), com ritmo de labuta, conhecimento e relações próprios dessa profissão:

The season succeeding the sailing of the brig Union from New York, the ship *Catharine*, a fast sailing vessel and excellent sea boat, was purchased, armed, and provisioned, with everything requisite for a two and a half years' voyage; her company was well selected, and were all able officers and seamen, the whole under the command of Captain Henry Fanning, brother to the author (Fanning, 1924: 242).

21 Relato sobre o navio *Hero*, cujo capitão era Benjamin Pendleton.

Dito de outra forma, a atividade foqueira trazia ao cotidiano não somente um **tempo capitalista**, voltado para a intensidade do trabalho e para o lucro do empreendedor, mas também um **tempo do navio**. Esse último pode ter implicado um tempo organizado de acordo com o ritmo da função de cada marinheiro/foqueiro quando a bordo: do gajeiro (*topman*), aquele que vigia o mar de cima do mastro; do faxineiro que limpa o convés; do cozinheiro e do copeiro; do mecânico; navegador; etc. Cada um desses papéis é preenchido durante um período distinto do dia (ou da noite), associando-se a uma distinta responsabilidade, conhecimento ou conseqüência, de modo a criar vivências do tempo distintas: de claridade, de tédio, de cansaço, de preocupação, de imediatismo, de planejamento, de tranqüilidade, de velocidade, e assim por diante.

O dia-a-dia do marinheiro também leva em conta o **tempo do mar**, da natureza. O tempo bom, que permite o tráfego, e o tempo ruim, que o dificulta ou impossibilita, determinam quando trafegar e em qual velocidade. São elementos que posicionam o navio no mundo, mas também na duração da viagem como um todo.

Há também uma outra situação recorrente nas viagens dos foqueiros. Após os trajetos de ida, do tempo do mar e do navio, após as caçadas e processamento dos animais nas praias antárticas, do tempo capitalista, os foqueiros aguardavam sua coleta, nos refúgios que construíam: um **tempo de espera**.

When the day's work was done, the men cooked thick slices of elephant seal tongue. Then they crawled underneath their overturned boats, wrapping stiff sealskins around their bodies for warmth. Boots made from king penguin skins with the feathers turned inside protected bare feet from the cold. For longer stays on the islands, the sealers constructed mud and tussock-grass huts, lining the walls with elephant seal hides. In the middle of the single room, chunks of blubber crackled in an iron pot that rested on a grate of seal bones. Oil from blubber fueled hand crafted lamps, and penguin feathers functioned as wicks. Seal bladders, stretched over holes in the walls for light, soon blackened from the oily smoke. Hardship, disease, and loneliness broke bodies and minds. Joints and knuckles ached with rheumatism from the cold and damp climate; sores on hands from knife cuts continually festered. Only the ingenious and industrious survived. When the men tired of seal meat, they lit fires at the foot of sheer cliffs to entice returning night petrels to crash into the gray stones. Albatross and penguin eggs were snatched from nests in the tussock grass. The sealers fished with hooks whittled from bones and boiled bitter-tasting plants to disguise the pungent flavor of seal and blubber soups. Blood, they discovered, was a good solvent for dissolving the layers of soot and grease from clothes and bodies. When no more seals hauled out on the beaches, the men scanned the horizon, waiting for their ships to return for the piles of sealskins and casks of oil. Sometimes the sealers

waited for years. But sooner or later, either their ship or another rescued them and their bounty. Only the iron try-pots, dilapidated huts, and wind-scoured seal bones remained on the silent shores (Landis, 2001: 30-31).

O longo trecho acima, apesar de ser uma reconstituição e não um relato direto, narra uma série de possibilidades talvez mais que plausíveis. Remete a uma presença em terra permeada pelas retenções e protensões de Husserl. O horizonte é um *agora* presente, como também é lembrança constante do presente por vir. Uma vez terminada a tarefa principal – esgotada a caça – era preciso entretenimento e talvez se percebesse mais as tarefas secundárias, os desconfortos e a espera. Havia que se preencher o tempo com atividades *redundantes*, mais que somente sobreviver: comer, beber e se proteger do frio.

O tempo do navio e o tempo do mar, ou mesmo o tempo da espera, parecem implicar um fluxo constante (não de ausências), mas de presenças transitórias. Os navios e as praias não parecem ser *não-lugares*²². A duração na Antártica, portanto, não seria uma de um **não-tempo**. Ao contrário, a transição seria também presença. O trânsito, também estadia.

Enquanto o excerto discutido acima leva a pensar nas necessidades extraordinárias à sobrevivência humana, o extrato do diário de bordo do navio *Huntress*, datado do natal de 1820, mostra um lado seco e factual de alguns dos relatos encontrados, no qual a data não é celebrada ou mesmo mencionada. Talvez o trecho abaixo somente demonstre uma característica variável dos diários, ora profissionais, ora pessoais. Talvez demonstre uma irrelevância dos marcos temporais familiares no espaço do trabalho de caça e marinha. Talvez demonstre um esquecimento (deliberado ou não):

Begins with strong Gales at N E with Snow and hail Me and the Boy busily engaged in scraping the ice from the Cables and Sides of the schooner The NE side of our harbor is formd By an Iceburg from three to five hundred feet high from the surface of the water, which Break off in flakes of 4 or 5 hundred tons with a report as Loud as a Cannon These pieces of ice float in the water and the wind drives them afoul of us which is very chafing Latter part moderates. Employd in mending Scrivits on the cables. So Ends this Day (Burdick; IN: Stackpole, 1955: 38)²³.

22 Os não-lugares tal como definidos por Augê (2005) são especialmente locais de transição e de impessoalidade na supermodernidade. Esse conceito se relaciona também a um conceito de tempo, construído pela velocidade, pelo excesso de fatos, pelo fluxo de comunicação intenso. O futuro é distinto do progresso e o presente não tem significado. O tempo se esvai de sentido pessoal. Apesar de referir-se ao contexto histórico presente e antropológico, interessa aqui utilizar os conceitos, avaliando sua aplicabilidade.

23 Trecho escrito por Christopher Burdick, capitão do navio *Huntress*.

Penso que, em algum lugar entre o tempo capitalista, o tempo do mar, o tempo do navio, o tempo do trabalho, o tempo da espera, o tempo de esquecimentos e outros não mencionados aqui, está o tempo foqueiro antártico do século XIX²⁴.

OS BALEEIROS ANTÁRTICOS

Tal como a caça foqueira, a caça baleeira ocorreu em várias partes do globo. A atividade baleeira mundial empregou mais pessoas que a caça foqueira e foi uma atividade mais duradoura, perdurando por décadas e atingindo também o século XX (Basberg e Headland, 2008). Essa foi uma atividade econômica extremamente determinante para o nordeste dos EUA, especialmente para a região da Nova Inglaterra, durante o século XIX. Nessa época já havia se desenvolvido, com a utilização de arpões mais sofisticados, o que conferia mais autonomia ao navio (Verril, 1916). Os navios baleeiros não precisavam chegar tão próximos da costa como os navios foqueiros, já que a maior parte da suas presas se encontrava em alto mar, apesar de que caçavam não somente baleias, mas, muitas vezes, também elefantes marinhos e outros (Basberg e Headland, 2008). Na Antártica, a caça baleeira foi em geral posterior à caça foqueira, chegando ao arquipélago Shetland do Sul a partir da década de 1850 (Senatore, Salerno e Zarankin, 2010)²⁵.

Os diários de bordo dos baleeiros são também mais numerosos e acessíveis e a história é mais bem contada, se comparados aos dos foqueiros, talvez pela proximidade maior com o presente, talvez pela maior extensão geográfica e temporal do seu impacto econômico. No tocante ao tema aqui trabalhado, esses documentos apresentam tanto uma dimensão objetiva do tempo, buscando referenciar-se ao tempo físico, quanto uma subjetiva, contendo relatos de experimentação do local, das atividades lá realizadas e da distância em relação ao ponto de origem. Muitas vezes, cada entrada no *diário de bordo* se inicia com a data do dia do mês, por vezes uma indicação da hora do dia. Essas entradas relatam condições climáticas, localização e acontecimentos principais de maneira sucinta. O tempo aparece de forma linear e descritiva: o **tempo como contêiner** seqüencial de eventos. A data precisa para nós vem bem vinda, nos situa precisamente no amplo século XIX. Para os caçadores poderia significar uma necessidade de ordenação linear dos acontecimentos principais, ou ao menos a necessidade de uma linearidade no formato dos relatos, para fins de registro. As entradas eram feitas quando era possível, o ambiente ou o trabalho permitiam:

24 Cada um desses tempos que constroem o tempo foqueiro, assim como a relação entre eles, será discutido em maior profundidade na minha dissertação de mestrado.

25 Senatore, Salerno e Zarankin, 2010. Trata-se de informações apresentadas pelos autores, em encontro do SCAR, 2010, em processo de produção de publicação textual de resultados.

Saturday on board. Lying at anchor, Bedford Harbor below Palmer's Is. 5 fathoms of Water. First part of these 24 hours strong Breezes from the NW, the weather fine. Most of the crew on Board employed in Ship's Duty. Mid part (of the day) light airs from the N. W. Latt. part a fine Breeze from the N. At 5 o'clock Broke ground and Bid a Due to the Land, We all so much admire. But with the hopes of a Short Voyage, We set all sail. At 9 o'clock the pilot left us. Steered out SW. At 11 o'clock the wind shifted to the East from that time to the SE, we steering to the SW. At 12 o'clock to Gay Head light House. Bore E 1-2 N. Dist. 8 miles. The No Mans Land Bore ESE. Saw number of vessels steering different courses. So Ends this day with Sweet Feelings of Home (s/a; IN: Verril, 1916: 92)²⁶.

Em meio à descrição numeral, seqüencial e linear de eventos e impressões, aparece uma frase algo distinta do restante do trecho acima: *But with the hopes of a Short Voyage, We set all sail*. O fragmento de relato, que aponta para esperanças de uma viagem curta, ilumina uma análise do *agora* e a projeção futura das preferências construídas no presente (que não necessariamente implica uma rejeição da viagem como um todo). A descrição linear de tempo é interrompida por uma reflexão sobre a condição do momento atual, por uma protensão dos agoras que virão. Esse pequeno excerto está curiosamente inserido em uma descrição linear: as duas formas de pensar o tempo não são tão incompatíveis e coexistem.

Outro modo de se referir ao tempo é utilizando-se de marcos divisórios do dia, como manhã, tarde e noite. É associativa ou relacional, menos absoluta que a anteriormente descrita. A escolha desse marco revela o relato de acontecimentos ocorridos no curso de apenas um ou poucos dias. Essa contagem do tempo é associada a eventos pontuais e a um ou mais sujeitos (ainda que o sujeito seja o próprio navio). De maneira mais fluida, a contagem associativa de tempo comporta descrições de outra natureza que a climática ou a geográfica, mas uma natureza mais pessoal, relacional e psicológica. Também se refere mais facilmente às pessoas que ao navio:

Remarks on board the Ship Morea, Sat. June 3d. 1854. Strong winds from WNW and some fog. The first part ship head SE. Saw five ships. This afternoon Captain Peabody retired for a while and on bring Called and at the tea table he made some very unusual remarks from him to make, askin the officers if they thought a man would be punished in the other world for making away with himself if he had nothing to hope for or could see no prospect of happiness before him. At night he went to bed as usual and was up during the night givin directions how to stear. At breakfast he seemed rather melancolly, eat but little and after breakfast came on deck but soon went below again. At 10 A. M. he sent the Steward after mee

26 Esse trecho foi transcrito e citado por Verrill, 1916, escrito pelo navio *Barclay*, que navegou entre 13 de setembro de 1834 e 27 de setembro de 1837.

to come below. I went into the cabin. Hee was in his bearth. Hee told mee hee had sent for mee to tell mee that hee was goin to meet his god and gave mee his reasons for so doing, and some little directions about his things. After conversing with him for some twenty minutes or more I went on deck and communicated that hee had told mee to the other officers (s/a. IN: Verril, 1916: 94).

Entre os vários tipos de comentários feitos nos diários, havia a possibilidade de auto-expressão, de entradas feitas por outros senão o capitão, como demonstrado no trecho acima. São possíveis e presentes menções a nível pessoal e relacional, tanto quanto a nível de precisão temporal e geográfica, detalhando fatos e acontecimentos navais e comerciais. No entanto, além de se pensar o tempo como dimensão medida por meios físicos ou pessoais, absolutos ou relacionais, qual o ritmo da passagem de tempo que fica aparente nos diários de bordo?

Os navios baleeiros poderiam atravessar grandes distâncias e estender suas viagens por maiores períodos. A maior parte do tempo era passada nos navios, no mar. E os navios utilizavam possivelmente rotas irregulares e duração de um ano ou mais. Tratava-se de uma vida bastante inconstante, de relativa localização futura incerta ou sem um fim pré-determinado. O **tempo do devir**, das protensões, era planejado, mas era impreciso e mutável. Isso tanto a nível pessoal quanto coletivo, da expedição e do empreendimento industrial. E assim, o navio era sua casa, seus *shipmates* eram suas convivências (não necessariamente pacíficas ou aprazíveis) e assim seria por muito ou pouco tempo. Isso significa uma necessária imersão na vida do navio. Aqueles acontecimentos, aquelas pessoas e aquele objetivo eram os seus próprios. Tratava-se, possivelmente, de uma fusão entre a vida pessoal e a vida do navio ou da missão – um **tempo simultaneamente coletivo e pessoal**:

Every available niche and corner is full, the ship is as deeply laden as though a freighter with full cargo, and when at last the final bale and bag is on board, and the full complement of men has been shipped, the whaleship is ready for her long cruise to the uttermost parts of the globe; perhaps to return fully laden in a few months, perhaps to cruise under tropic suns and through fields of ice for year after year, perchance never to return -- sunk, no one knows when or where -- one of that great fleet of "missing ships" whose fate is never learned (Verril, 1916: 46).

O trecho acima fala também da possibilidade, sempre latente, de morte por naufrágio e do desaparecimento do navio em relação ao restante do mundo. A viagem náutica do período carregava essa promessa inacabada de um futuro de esquecimento, de destacamento. É incerto se essa sensação fazia parte do cotidiano dos caçadores, ou em que medida, mas caso tenha feito, é possível que haja uma

tensão constante entre o medo do futuro esquecimento e uma necessidade de marcar-se no agora. Talvez implique uma necessidade de estar mergulhado no presente, de **imersão** nas atividades.

Por outro lado, sugerindo certa ruptura entre o tempo do navio e o tempo pessoal dos baleeiros, os tripulantes comuns eram mal remunerados, tal como os foqueiros. O tempo gasto, o esforço intenso, o ritmo de trabalho e as distâncias percorridas se traduziriam em lucros da empresa, não do caçador²⁷. Novamente falamos do **tempo do capitalismo** historiográfico, que pode ter significado para o caçador, um alheamento frente às atividades desempenhadas e um tempo tomado de si, trabalhado contra a vontade do baleeiro.

Parte da tripulação que trabalhava na caça e na manutenção e operação do navio (excetuando-se, portanto os capitães e auxiliares diretos) não era composta de pessoas que conheciam previamente a função do marinheiro (Verril, 1916: 50). Se assim for, e os baleeiros não eram de antemão marujos ou marinheiros como nos navios comerciais, isso alude também a uma possível relação diferente com o mar, de novidade, talvez encanto ou medo, ao invés de uma relação de suposto domínio ou conhecimento²⁸. Apoiada ainda uma idéia um pouco diferente de alheamento, referente a um tempo de aprendizado (portanto de construção de memórias no presente, para utilização essencial futura), Esse encanto e novidade da presença no mar podem ter sido associados a uma vivência de tempo onde o passado se insere no presente não através de informação, mas de imaginação, de memória fantasiada, de sonhos e expectativas prévias.

Outra diferença entre o tempo no baleeiro e o tempo em outros navios comerciais, no que tange à guarda: o sino somente soava nas horas completas (não nas meias-horas):

Unlike the merchant sailors to whom eight-bell watches are almost sacred, the whalemens commenced their watches at six bells, and in this respect they differed from all other seamen. Thus the first watch was from 7 until 11 P.M.; the middle watch was from 11 until 3, and the last watch was from 3 until 7 A.M. Moreover, half-hours were never struck on a whaling vessel's bell, only the even hours being sounded, and one, three, five or seven strokes never rang across the waters from a whaleship (Verril, 1916: 49-50).

27 Verril (1916) sugere que os baleeiros, após o retorno das expedições, raramente participavam de uma outra, devido à intensidade e negatividade da experiência.

28 Os diários de bordo parecem refletir essa diferença e apoiar esse argumento. Enquanto os diários de bordo de navios comerciais, escritos por uma tripulação de marinheiros profissionais, eram mais secos, dotados de listas de itens, de valores e de pessoas, revelando uma atividade mais capitalizada e objetivada, os diários de bordo dos baleeiros integram elementos mais subjetivos, narrativos ou pessoais da viagem, incluindo desenhos e versos, sentimentos, interpretações, expectativas, impressões da viagem ou dos outros tripulantes, entre outros (Verril, 1916).

É possível perceber, nos trechos lidos até aqui, elementos ou situações que sugerem uma tensão entre o **tempo coletivo** e o **tempo pessoal**, ou entre o **tempo físico** e o **tempo subjetivo**, ou uma maior precedência de um sobre outro, em dado momento específico. No caso acima apresentado pelo historiador, as marcações dos sinos dos navios baleeiros implicavam menos balizamentos de horário contado, do horário rígido e numeral, talvez abrindo mais espaço para uma organização mais pessoal do tempo ou um arrefecimento na contagem capitalizada do tempo.

Outras atividades dos baleeiros relacionadas ou de suporte à atividade principal eram o preparo de alimentos, a manutenção do navio, entalhe de marfins e ossos, costura de roupas rasgadas, consumo de tabaco, ou outras e, no caso dos caçadores de focas, também a construção dos refúgios (Salerno, 2006; Verrill, 1916). O momento da limpeza e de renovação dos barcos baleeiros, coincidente com o momento do planejamento de novas viagens, é o intervalo entre viagens. Verrill (1916) apresenta uma listagem dos itens com os quais usualmente os navios já partiam do porto, incluindo equipamentos de navegação, processamento dos animais e cozinha, peças para reparo, alimentos, itens de lazer e uso pessoal como cachimbos, tabaco, sabonetes, sapatos, roupas, etc. Esses itens eram utilizados para uso interno e comércio ou trocas eventuais. Esse fato aponta para outro que é o da auto-suficiência do navio e do tempo que se passa nele. O navio é o mundo em que viviam e todo o universo que lhes cabiam. É quase uma ilha móvel. Nele, se há um tempo²⁹, há o **tempo da auto-suficiência no mar**. Essa auto-suficiência deveria durar por anos, onde tudo que se conhece é o navio, o oceano, as baleias e as pessoas do navio. Isso implica em um universo pessoal limitado, de umas 40 pessoas, que possuíam suas tarefas específicas e pré-determinadas, ainda que pudessem desempenhar outras, eventualmente. Cada uma dessas pessoas poderia ainda ter uma maneira de organizar o tempo livre que lhes cabiam, de acordo com as suas atividades ou necessidades pessoais. É o **tempo individual**. Havia ainda o **tempo do capitão**, que regia a tripulação em grande medida, conferindo ritmo ao dia do navio:

At 9 p.m., hee gave orders to lay the head yards back. At 2.30. a.m, hee gave orders to steer north as soon as it was light enough to man the mast head. At breakfast hee said hee could not eat anything Hee seemed in his right mind through the forenoon. At dinner time I asked him if hee could eat some dinner. Hee said the thoughts of food made him sick to his stomach but said the steward was going to make some soup, Etc. (s/a; IN: Verrill, 1916: 95)³⁰.

29 A interrogação remete àquela posta na página 15, entre o não-lugar e o não-tempo.

30 O trecho foi transcrito e citado por Verrill, 1916, e escrito pelo navio Morea, no domingo, dia 4 de junho, de 1854.

E o produto que eles então buscavam era obtido no exterior dessa ilha, apresentando algo como um parêntese temporal, onde se entrava no **tempo do mar e da natureza**, determinado pelas condições climáticas e pela baleia: o tempo do navio era suspenso até que a caça fosse segura. E então a partir desse momento, a caça era trazida para o navio e para o tempo do navio. Esse tempo era o que conferia o compasso do navio:

Aboard the ship, when cruising, the crew or seamen had little to do, once they were on the grounds, save to swing the yards, trim sail or perform other work necessary in navigating the vessel; for every ounce of strength and every spark of vitality was conserved to be brought into instant use when a whale was sighted and the chase commenced (Verril, 1916: 49).

Alguns dos tempos aqui sugeridos são divergentes, como é o caso por exemplo do tempo do capitalismo e o da imersão, que divergem no tocante à formação de uma identificação com a atividade, com o coletivo e com o presente. No entanto, da mesma maneira que disse que o tempo foqueiro antártico do século XIX estaria em algum lugar entre vários outros, penso que o mesmo ocorre com os baleeiros: o tempo físico, da atividade capitalista, do devir, da natureza, do navio, coletivo, das viagens, da auto-suficiência no mar, individual, do capitão, e tantos outros. Os diferentes tipos de tempo podem emergir conforme a situação, uns mais fortemente que outros, dado o momento, de modo que não é possível dizer uma prevalência absoluta de uma percepção de tempo sobre outra.

Penso ainda que esses tempos, do foqueiro e do baleeiro, fazem parte de um fluxo do vivido, tal como o exposto por Edmund Husserl. Esse fluxo do vivido antártico aqui sugerido, não significando somente memória historiográfica, ou mesmo como memória do espaço em si, é uma continuidade de conexões experimentadas, onde o espaço e as pessoas se conectaram em vários *agoras* sucessivos pontuais, que hoje nos atinge.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente antártico é extremo, a história da sua inserção no mundo humano foi singular. O sistema político a vê de forma exclusiva. A natureza da relação que travou com o ser humano desde sua descoberta é única. A Antártica é um espaço diferente e foi incorporada de modo exclusivo no sistema mundial e nos imaginários. É diferente nas suas condições climáticas e demográficas, na sua história e na imagem social da qual dispõe mundialmente. E sua unicidade quase a remove do mundo.

É assim que o espaço em questão – a Antártica – pode ser entendido como mais que um mero elemento casual ou acidental em comum entre essas pessoas

(assim unidas pelo acaso), mas possivelmente como algo mais. Não como um palco onde se encenam acontecimentos sucessivamente desconectados (e digo tanto acontecimentos desconectados do espaço quanto acontecimentos desconectados entre si), mas parte de experiências amálgamas: experiências dos *tempos antárticos*.

Sugeri, ao longo do texto, uma série de possibilidades de percepção do tempo por parte dos foqueiros e dos baleeiros, referentes ao contexto histórico e econômico no qual se encontram inseridos, às atividades que desempenham, ao espaço que habitavam ou utilizavam, à presença de memórias ou planejamentos no presente, à maneira que marcam e registram o ritmo dos eventos e das condições ambientais, entre outros.

Os tempos são percebidos aqui, como aponta Husserl (2007), a partir de *agoras*. Trata-se de tempos pontuais, momentâneos e relacionais entre si. O tempo do trabalho intenso, da alta frequência de afazeres cansativos, ora introspectivo, mas também ora coletivo, dá lugar ao momento de desfrutar dessa completude, da recompensa ao tempo investido, comer uma língua de foca. O tempo do trabalho capitalista, que requer o máximo de momentos do operário, pode não ser sentido fortemente quando o tempo do mar e da natureza se fazem presentes, e as condições climáticas demandam uma cooperação de segurança. O imediatismo e a preocupação pela sobrevivência absorvem o momento, o sujeito se imerge no presente coletivo. A sintonia entre os tripulantes e o navio, entre o capitão e a caça, deve ser bem acurada. Nos navios, é necessário concentração nos eventos mais repetitivos que fazem parte do cotidiano, como o toque de um sino da troca da equipe em serviço, com a marcação numeral da passagem do tempo; mas outros acontecimentos dão o ritmo do navio, como uma indisposição do capitão ou, certamente, avistar a caça. A viagem atrasa, não se chega à caça ou ao porto. O navio demora a retornar pela tripulação cansada em terra. As esperas se esvaziam de atividades forçadas e de velocidade, para dar lugar a um ritmo de contemplação. Lembra-se de casa, planeja-se uma nova celebração entre os colegas.

São várias as possibilidades de percepção de tempo possíveis e aqui apresentadas. Em consonância com a proposta de Hall (1996), de que existem tantos tipos de tempo diferentes como de seres humanos, para que seja possível compreender os *tempos antárticos*, o tempo deve ser entendido também a partir da sua multiplicidade. Não se deve pensar apenas um tempo linear ou um tempo puramente físico e mensurável pelos elementos astronômicos, que são insuficientes para explicar o tempo percebido pelos grupos estudados. Do mesmo modo, o tempo pessoal, subjetivo ou imanente é constituído por uma série de outros e faz parte de um conjunto de classificações próprias da modernidade ocidental. O tempo que procuro compreender, um tempo percebido, é uma união momentânea e variante de inúmeras impressões distintas, possíveis para cada sujeito único.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao prof. Andrés Zarankin pela oportunidade de participar do projeto de arqueologia histórica na Antártica e do *I Encontro de Antropologia e Arqueologia Polar*, assim como pelo apoio, pela abertura e pela orientação nessa pesquisa. Obrigada também à organização do evento supracitado; a Ruben Stehberg e Maria Ximena Senatore pelas sugestões oferecidas no encontro; e a toda a equipe, pelo trabalho em conjunto. Finalmente, agradeço Melisa Salerno e Michael Pearson por indicar várias das fontes bibliográficas aqui utilizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÊ, Marc. 2005. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Papyrus: São Paulo.
- BASBERG, Bjorn L. e HEADLAND, Robert K.. 2008. “The 19th Century Antarctic Sealing Industry: Sources, Data and Economic Significance”. Artigo apresentado em *SCAR/IASC IPY Open Science Conference - Polar Research – Arctic and Antarctic Perspectives in the International PolarYear*. Disponível em: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1553751
- BELLO, Ângela Alves. 2006. *Introdução à fenomenologia*. EDUSC, Bauru, SP.
- BERGUÑO, J. 1993. “Las Shetland del Sur: el ciclo lobero” – Primera parte. *Boletín Antártico Chileno*, Santiago.
- BERGUÑO, J. 1993. “Las Shetland del Sur: el ciclo lobero” – Segunda parte. *Boletín Antártico Chileno*, Santiago.
- BONNER, W. N. 1968. “The Fur Seal of South Georgia”, IN: *British Antarctic Survey*. Londres, N° 56. Disponível em: http://www.antarctica.ac.uk/about_bas/publications/scientific_reports/index.php
- DEETZ, James. 1996. *In small things forgotten: an archaeology of early american life*. Anchor books, Nova York.
- DRUETT, Joan. 2001. *Petticoats Whalers: whaling wives at sea 1820-1920*. University Press of New England, Hanover.
- FANNING, E. 1924. *Voyages and Discoveries in the South Seas 1792-1832*. Marine Research Society, Salem. Disponível em: <http://ia700408.us.archive.org/3/items/voyagesdiscoveri00fann/voyagesdiscoveri00fann.pdf>
- GAMBLE, Clive. 2001. “Time and Space”. IN: GAMBLE, Clive. *Archaeology: the basics*. Routledge, Londres. Pp-123-153.
- HALL, Eduard. 1996. *A dança da vida: a outra dimensão do tempo*. Antigos, Lisboa.
- HARTOG, François. 2006. *Tempo e Patrimônio*. vol. 22, n° 36. Pp.261-273. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte.

- HEADLAND, Robert. 1989. *Chronological list of Antarctic expeditions and related historical events*. Press syndicate of the University of Cambridge, Nova York.
- HODDER, Ian e HUTSON, Scott. 2003. *Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge.
- HUSSERL, Edmund. 2008. *A idéia da fenomenologia*. Edições 70, Lisboa.
- HUSSERL, Edmund. 2006. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Idéias & Letras, Aparecida.
- HUSSERL, Edmund. 1929. *Investigaciones lógicas*. V.3. Revista de Occidente, Madrid.
- HUSSERL, Edmund. 1992. *Conferências de Paris*. LusoSofia Press. Disponível em: www.lusosofia.net
- JOHNSON, Mathew. 1999. *Archaeological theory*. Blackwell Publishers, Oxford.
- LANDIS, Marilyn J. 2001. *Antarctica: Exploring the extreme*. Chicago Review Press, Illinois.
- LUCAS, Gavin. 2005. *The archaeology of time*. Routledge, Abingdon.
- MARTINIC, Mateo. 2002. *Brief History of the land of Magellan*. La Prensa Austral Ltda, Punta Arenas.
- MCGALE, Iain. s/d. *The Industrial History of Antarctica*. Disponível em: http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Zxst-_e0X0sJ:www.kma-web.com/PolarTourism/PDFs/IndustrialHistoryAnt.pdf+Iain+McGale+the+industrial+history+of+the+antarctic
- MURRAY, Tim. 1999. *Time and archaeology*. Routledge, Londres.
- PEARSON, Michael. 2007. *Conservation challenges in the South Shetland Islands, Antarctica*. Artigo apresentado na conferência do ICOMOS, *Extreme Heritage*. Disponível em: <http://www.aicomos.com/wp-content/uploads/michaelpearsonpolarheritagepaper.pdf>
- PIETTRE, Bernard. 1997. *Filosofia e ciência do tempo*. EDUSC, Bauru.
- REIS, José Carlos. 2005. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Editora FGV, Rio de Janeiro.

- SALERNO, Melisa. 2006. *Arqueología de la indumentaria: Prácticas e Identidad en los confines Del Mundo Moderno (Antártida, Siglo XIX)*. DelTridente, Buenos Aires.
- SENATORE, M. Ximena; SALERNO, Melisa e ZARANKIN, Andrés. 2010. Pré-industrial whaling in the south shetland islands, Antarctica. Apresentação no Scar.
- SENATORE, M.X., A. ZARANKIN, M. SALERNO, I. y. VALLADARES, M.J, CRUZ. 2008. "Historias bajo cero. Arqueología de las primeras ocupaciones humanas en Antártida" IN: BORRERO, L. e FRANCO, N. (eds) *Arqueología del Extremo Sur del Continente Sudamericano*. Editorial Dunken DIPA-IMHICIHU-CONICET, Buenos Aires. Pp. 117-130.
- SENATORE , M.X. y A. ZARANKIN. 1999. "Arqueología Histórica y Expansión Capitalista. Prácticas cotidianas y grupos operarios en Península Byers, Isla Livingston, Shetland del Sur". IN: ZARANKIN, A. e ACUTO, F. (eds). *Sed Non Satiata*. Ed. Tridente, Buenos Aires. Pp. 171-188.
- SHANKS, Michael e HODDER, Ian. 1995. "Processual, postprocessual and interpretive archaeologies". IN: HODDER, Ian, SHANKS, Michael, et al. *Interpreting archaeology: finding meaning in the past*. Routledge, Londres. Pp. 3-33.
- SMITH, R. I. Lewis e SIMPSON, H. W. 1987. "Early nineteenth century sealers' refuges on Livingston Island, South Shetland Islands". *British Antarctic Survey Bulletin*, 74-06. Pp: 49-72. Disponível em: http://www.antarctica.ac.uk/documents/bas_bulletins/bulletin74_06.pdf
- SPRIGGS, Mathew. 2008. "Are islands islands? Some thoughts on the history of chalk and cheese". IN: CLARK, Geoffrey; LEACH, Foss e O'CONNOR, Sue (Eds) *Islands of Inquiry: Colonisation, seafaring and the archaeology of maritime landscapes*. ANU E Press, Canberra.
- STACKPOLE, Edouard. 1955. *The voyage of the Huron and the Huntress: the American sealers and the discovery of the continent of Antarctica*. Connecticut Printers Incorporated, Connecticut. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/ia/voyageofhuronhun00stac#page/1/mode/1up>
- THOMPSON, Edward P. 1998. *Costumes em comum*. Companhia das letras, São Paulo.
- THOMAS, Julian. 1993. "The politics of vision and the archaeologies of landscape". In: Barbara Bender (ed). *Landscape: Politics and Perspectives*. Berg, Oxford and Providence.

- TILLEY, Christopher. 1994. *A phenomenology of landscape: Places, paths and monuments*. Berg publishers, Oxford.
- VERRILL, A. H. 1916. *The real story of the whaler: whaling, past and present*. D. Appleton and Company, Nova Iorque / Londres. Disponível em: <http://mysite.du.edu/~taylor/ploughboy/Verrilll.htm#introduction>
- ZARANKIN, Andrés e SENATORE, M. Ximena. 1999. 'Arqueología Histórica y expansión capitalista: practicas cotidianas y grupos operarios en la península Byers, isla Livingston, Shetland del Sur.' IN: Zarankin, Andrés e Acuto, Félix A. (Eds). *Sed non satiata*. Teoria social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporanea. Ediciones del Tridente, Colección Científica, Buenos Aires.
- ZARANKIN, Andrés e SENATORE, M. Ximena. 2007. *Historias de un pasado en Blanco: Blanco: arqueologia historica antártica*. Argumentum, Belo Horizonte.
- ZARANKIN A.; SENATORE M. X.; Y M. SALERNO. 2009. "No man's land. Landscape Archaeology in South Shetland Islands, Antarctica". IN: *Landscape Archaeology*. Andrés Troncoso & F. Acuto (eds). British Archaeological Reports, International Series, Oxford.
- ZARANKIN A. e M. X. SENATORE. 2005. "Archaeology in Antarctica, 19th century capitalism expansion strategies". *International Journal of Historical Archaeology*, V.9 (1):43-56. Plenum-Kluwer, Nova York.
- ZARANKIN, A. e M. X. SENATORE. 2000. "Hasta el fin del Mundo: Arqueología en las Islas Shetland del Sur. El caso de Península Byers, Isla Livingston". *Præhistoria* 3: 111- 123. PREP-CONICET, Buenos Aires.